

BICUDA RORÔ

As aparências enganam!!!

Começamos a criar com mais intensidade pelo ano de 1994, já em Bonfim Paulista (SP), quando para cá mudamos, fazendo dois anos vindos de Brasília DF. Naquele ano criamos uns 15 filhotes. Sempre procurando pássaros diferenciados. Logo que aqui cheguei fiz amizade com o Luis Carlos Carboneri também criador que se tornou meu barbeiro. Quase todos dias passava lá para conversar e tentar me enturmar com o povo daqui que me recebeu muito bem. Bom, um certo dia ele me intimou: *“me arruma um filhote de bicudo, mas quero um bem cantador, o melhor que tiver”*. Então, fiquei observando os bichos para escolher aquele diferenciado e cantor. Até que havia um do bico meio esbranquiçado que cantava e avançava na mão, nascido em 07.01.1994. *“É este”* pensei, *“é o melhor de todos”*. Lógico, estava levando em conta *“ele passa a navalha no meio pescoço não posso desagradá-lo”*. Bom lembrar que naquele tempo não havia sexagem via DNA, essa facilidade, hoje muito utilizada, muito incentivou a criação!

E assim foi, levei o bicho pra ele. Penduramos na porta da barbearia, ali no centro de Bonfim Paulista e ele desandou a cantar. Uma maravilha, cantava gorrinchando até de gaiola mão. Aí, ele comprou um tocador de som para ensinar o dialeto do Batuque e mandou brasa. Passava lá de vez em quando e a gravação do Batuque tocando de longe se ouvia lá na praça. O filhote gorrinchando direto!! Ele satisfeito me agradecia, *“uma beleza, nunca vi igual”*. Um amigo comum foi lá e viu o bicudo e me disse *“pô eu queria um daquele, aí você não me arruma”*. Bom, o bicho era motivo de admiração de todos que o viam. Cantava demais e o CD do Batuque tocando.



Passados alguns meses, fui cortar o cabelo e barba, com a navalha no meu pescoço o Carboneri me disse, *“levei o bicho para casa para ver se ele muda e nada”*. *“É isso mesmo, vai dar certo logo vão nascer algumas penas pretas”*. respondi. Na outra vez, fazendo quase um ano. *“Nada, nenhuma pena preta”*. reclamou ele.. Pensei: *“não pode ser fêmea, tem o bico branco e canta demais, até pendurada na árvore”*. Esperei mais algum tempo, a situação continuava na mesma. Só reclamação dele, nada de pena preta. Até que resolvi, *“vou levar ele pra casa para examinar melhor”*. E assim fiz. Trouxe aqui pra Lagopas, coloquei no criadouro para ver a reação. Não deu outra, começou a carregar capim, fuçando no ninho e acelerando e fogo. Depois de dois dias começou a pedir gala. Fiquei surpreso, não podia ser, mas era. *“Então deve se bissexual, não vai botar”*, pensei. Aí me veio o nome Rorô em alusão aquela pessoa pública que nunca negou sua opção inversa de gênero.

Foi galada e daí dois dias botou, rsssss! Contrariando tudo. Vivendo e aprendendo, foi incrível. Depois de treze dias nasceram os filhotes e ela excelente tratadeira, brava demais cuidava dos filhotes como ninguém. Foram muitos filhotes, todos eles de excelente qualidade, os mais famosos o “Balinha” do Milton Nacagami – Guararapes SP. fruto do cruzamento (Balinha x Rorô), depois a bicuda Canela do Criadouro Apolo – José Carlos Gradela (Boquita x Rorô) e também o bicudo Angel do José Geraldo do

Criatório Rio Bonito RJ (Baiche x Rorô). Raízes de onde surgiram extraordinárias genéticas cujas descendência estão por ai nos melhores criatórios, com um viés de muita repetição e fibra. São famosos descendentes do cruzamento Apolo x Canela, do Balinha do Milton e do Angel fruto em mãos do Criatório Rio Bonito RJ. Infelizmente, das fêmeas matrizes, como a Rorô, ninguém se lembra. Uma falha em nossas comunicações, é o mal costume de nós criadores. Por exemplo, ninguém fala na Rainha bicuda que deu origem à dinastia Sobe e Desce.

Há ainda o Badaró (Badalo X Rorô) 02.03.2008 Carlos Henrique – Criatório CH, Barroca (Balinha x Rorô) 20.03.200, Criadouro Bico Preto Paulo Scaldaferrri, Rota (Barango x Rorô) 18.02.2007, Celio Previtalli aqui na Lagopas restam as bicudas Bara (Balinha x Rorô) 10.04.2001 , Roba (Badalo x Rorô) 25.02.2005. Como também, um pintado (Balinha x Rorô) que foi para o saudoso Dr. Drumond, depois para o Cruzik de Petrópolis e que infelizmente não teve sorte, teve um fim trágico. Muitos outros, embora registrados manualmente, perdemos a referência da localização por não terem sido registrados no sistema informatizado que adotamos para controle do plantel. Foram no total mais de trinta filhotes da magnífica Rorô.

Pois é, tudo muito bom e muito bem, voltando lá ao meu amigo Carboneri, como fazer para justificar que havia arrumado uma fêmea no lugar de um macho. E ainda sugerir a tocação de uma gravação por quase um ano para nada. Ensinar uma fêmea cantar era demais. É, fiquei algum tempo cortando a barba em outro profissional, pensava, *“de repente ele me arranca a pele do pescoço com a navalha ou me arranca sangue aqui e ali só para se vingar, rsss”* . O seguro morreu de velho. Bem, depois de algum tempo lá voltei de cabeça baixa, com olhar de coitado, tipo galo corrido, rsss. Aí arrumei para ele o Guarda Chuva, irmão do campeoníssimo Manda Chuva, ele ficou contente e voltamos as boas.

De tudo isso, ficou o registro de que cada indivíduo é diferente do outro. A Rorô foi um caso especial, viveu quinze anos e deixou uma grande plêiade de filhotes de altíssima qualidade de fibra com o viés de muita repetição. Quanto mais vivemos mais aprendemos. Esse episódio valeu para realçarmos que a individualidade de cada pássaro é única e diferente. Rorô, nos deu muita satisfação pela excelente prole e deixou um recado: *“Sou valente, canto muito e daí”*??? o que me fez lembrar da máxima: as aparências muitas vezes enganam.

Aloísio Pacini Tostes

Bonfim Paulista (SP)

ABR/20017

www.lagopas.com.br

multiplicar para conservar